

História local e formação de identidades nos currículos escolares

Raimundo Nonato Araújo da Rocha*

Resumo

O trabalho tem por objetivo analisar a percepção de História Local de professores do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Três conceitos são fundamentais para a sistematização do trabalho: currículo, culturas e identidades. A partir da compreensão dos currículos escolares como expressão de culturas, a investigação analisa como o uso das histórias locais pode contribuir na formação de identidades dos alunos. A meta é perceber como os professores ultrapassam o *localismo* e procuram reconstruir as histórias dos lugares instigando as multiplicidades interpretativas. O texto está dividido em três partes. Na primeira, analisam-se as percepções contemporâneas de identidades. Na segunda parte são apresentadas as percepções dos professores sobre identidades e história local. Finalmente, a terceira parte apresenta identidades como as propostas curriculares contemporâneas propõem trabalhos que conduzam a formação de identidades..

Palavras-Chaves: Identidades, Ensino de História, História local.

Identidades contemporâneas

Este trabalho tem por objetivo analisar como o professor de História – profissional que executa as diretrizes curriculares e que tem como *métier* estudar a história de diferentes povos - enxerga o seu lugar de vivência. Para realizar essa meta, realizamos entrevistas orais com professores de História dos anos finais do ensino fundamental nas cidades de Natal, Mossoró e Caíco, no Rio Grande do Norte. Todos os entrevistados concluíram a licenciatura plena em História nas universidades públicas do estado e são professores das séries finais do ensino fundamental.

O compromisso da História ensinada na escola com a constituição de uma identidade nacional sedimentou a disciplina, no Brasil, desde o final do século XIX. Esse compromisso foi ao longo dos anos integrando-se à cultura escolar e, ao mesmo tempo, ampliando suas fronteiras. Nesse sentido, a identidade nacional tanto se fortaleceu em outras disciplinas¹ quanto nas festas cívicas e nos cultos aos heróis.

Essa concepção de identidade nacional construída pelas elites brancas tem sido contestada por outros setores sociais. Um exemplo dessa situação é a luta do movimento negro reivindicando que a figura de Zumbi esteja no currículo e seja celebrada nas festas

* Professor do Departamento de História da UFRN.

¹ Como a geografia (com a exaltação ao meio físico) e a língua e literatura (com a produção de textos que apresentavam uma identidade nacional moldada na Europa).

nacionais, conforme demonstrou em seus estudos o pesquisador Marco Oliveira (2000). Isso prova que outros setores estão questionando os heróis da História, todavia, ao mesmo tempo, apontam para o nascimento de outros heróis nacionais.

Na reivindicação do movimento negro é possível perceber que existe um argumento contrário à identidade nacional construída sob a égide do Estado Nação. Todavia o próprio movimento busca a mesma identidade nacional, sedimentada em heróis, para se fortalecer. A proposta do movimento é evidente: a troca dos heróis brancos pelos heróis negros. Esse fato demonstra a polêmica que anima os debates sobre a questão das identidades hoje. A aparente contradição entre as economias universalizadas e os estados nacionais não se tem efetivado na prática.

Nesse sentido, não há indício de que os Estados Nacionais estejam desaparecendo no mundo contemporâneo. Os problemas do nacionalismo na atualidade são responsáveis por conflitos violentos, como é o caso dos hindus e palestinos. Do ponto de vista cultural as identidades locais têm-se fortalecido.

A realidade é muito clara: o fim dos tempos do nacionalismo, há tanto tempo profetizado, não está à vista, nem de longe. De fato, a nation-ness constitui o valor mais universalmente legítimo na vida política de nossa era. (ANDERSON, 1989: 11)

Todavia, o nacionalismo contemporâneo é o herdeiro de dois séculos de mudanças históricas e, portanto, ele não pode ser concebido da mesma maneira como foi concebido no século XIX. Nessa perspectiva a identidade nacional é construída sob novas formas. Sobressaindo-se a relação entre o nacional e o cultural.

A consolidação dos Estados Nacionais, destacadamente no século XIX, sustentou-se ideologicamente pela idéia de nação homogênea. Naquele contexto surgiu a História como disciplina escolar com a função de consolidar as identidades nacionais. O momento vivenciado nos dias atuais é bem diverso. A mundialização homogeneizou os mercados. Os grandes grupos econômicos desconhecem as fronteiras nacionais em busca dos seus lucros, a tecnologia avança, as informações chegam aos diferentes lugares numa agilidade impressionante. Às vezes é mais fácil saber sobre um fato que está ocorrendo no outro lado do planeta, do que o que ocorre na nossa cidade. O mundo invadido pelos shopping centers e marcas internacionais faz com que tenhamos a sensação de que estamos sempre nos mesmos lugares. Aparentemente o nacional entrou em crise, vivemos numa “aldeia global”.

Entretanto, o que está acontecendo na verdade é um redirecionamento da questão nacional. Do ponto de vista econômico o nacionalismo do século XIX já não tem mais

sentido, mas do ponto de vista cultural as identidades locais têm até se fortalecido. Sobre o assunto nos fala Anderson:

[...] o que diferencia um país de outro não é somente a estrutura social, mas a cultura. Embora essas nunca sejam independentes uma da outra, há uma ampla gama de relações possíveis entre elas. (Anderson, 1996: 148)

Nesse sentido, pode-se afirmar que

[...] as sociedades capitalistas modernas podem assemelhar-se bastante umas às outras em todas as características estruturais – distribuição da força de trabalho, grau de urbanização, perfil demográfico, tamanho e funções do Estado – permanecendo, ao mesmo tempo, significativamente diferentes em culturas: ninguém confundirá a Bélgica com o Japão. (ANDERSON, 1996: 148)

Isso significa que a identidade nacional nos dias atuais está associada à noção de cultura e diversidade. Superou-se a identidade nacional homogênea, fixada a partir dos padrões econômicos. A identidade hoje está ligada a outros temas, como nos informa Anderson: *Questões de cidadania e soberania tocam os nervos da identidade nacional de maneira diferente das questões de consumo e diversão (ANDERSON, 1996: 161).*

A discussão sobre a identidade tem adquirido importância significativa nos debates contemporâneos. É possível percebê-la nos jornais, na produção acadêmica, na escola e em diversos outros espaços. Na educação é possível perceber que as atuais propostas curriculares elaboradas no Brasil estimulam o respeito à diferença e ao multiculturalismo.

Os problemas que envolvem a constituição de uma identidade nacional relacionam-se também a um aparente paradoxo entre o sentir-se pertencente a um mundo globalizado e de pertencimento ao local. Nesse sentido, a identidade nacional hoje se mescla aos outros sentidos da identidade: o mundial e o local e, além disso, as identidades étnicas e de gênero são outras formas de organizar movimentos sociais e políticos. Todavia, é bom lembrar ainda que para além das identidades sociais e políticas existem também as identidades do indivíduo.

Nos dias de hoje a busca pela identidade aparece como imperativo. É comum percebermos pessoas que procuram constituir o seu “eu” como sujeito único e a partir dessa constituição esperam encontrar a liberdade, a felicidade e a cidadania. No senso comum encontramos todos os dias indícios de que a solução para os nossos problemas está dentro de nós mesmos, não é por acaso que escutamos as frases do tipo: “Seja você mesmo”; “Se descubra”; “Você é sempre a pessoa mais importante”; “O fundamental é a felicidade e só você a encontrará”. Nesse contexto, os indícios de que muitos procuram a sua identidade particular são bastante fortes. Entre esses indícios podemos citar: livros de auto-ajuda e

biografias das mais variadas qualidades; palestras que favorecem o autoconhecimento; explosão de movimentos identitários.

A busca da permanência do “eu” aparece, sem dúvida, como uma forma de suprir as carências geradas pela ausência das utopias sociais, econômicas e políticas. Vivemos uma época em que as identidades que garantiam a estabilidade do sujeito humano atravessam uma profunda crise. As identidades, que durante a modernidade serviam como uma âncora para cada indivíduo se situar no mundo social, estão fragmentadas. Sexo, língua, religião, etnia, nação e tantos outros elementos que permitiram por longos anos uma fácil identificação do sujeito, perderam seus sentidos padronizados. Para cada categoria dessas existem identidades múltiplas (HALL, 1997).

Partindo da premissa de que a humanidade perdeu as noções de identidades unas e acabadas, alguns autores sugerem que deveríamos substituir esse conceito pelo de identificações múltiplas e temporárias. Isso porque cada indivíduo se identifica com representações que se movem constantemente e nem sempre apresentam uma coerência (MAFFESOLI, 1992).

Giddens (1994) concorda com a existência de identidades múltiplas, contudo afirma que existe um “fio condutor” que serve de referência para o indivíduo fixar-se, ainda que momentaneamente. Tal “fio condutor” pode ser encontrado na diversidade de modelos de identificação que a sociedade oferece a seus membros.

O aumento dos estudos sobre a questão das identidades está intimamente ligado ao contexto internacional vivido atualmente. O avanço tecnológico favoreceu o intercâmbio entre os povos – quase sempre sem vantagens recíprocas –, mas ao mesmo tempo estimulou a preocupação com a particularidade. Nesse contexto, a discussão das identidades tem atingido as esferas do local e do regional.

A mundialização do planeta, característica marcante do nosso tempo, tem possibilitado análises contraditórias no que diz respeito às raízes e às identidades culturais. Analisando essa problemática, Sawaia (1996: 82-3) sistematiza as duas tendências mais evidentes com relação ao estudo das identidades locais. Para a autora, por um lado existem os que defendem que as identidades têm o poder de evitar que a nova ordem mundial elimine as diferenças e, por outro, há os que afirmam que o referencial identitário dificulta o progresso do planeta na medida em que estimula os homens a permanecerem atrelados às raízes locais. Para essa perspectiva a “globalização” da sociedade capitalista é um processo inevitável dos acontecimentos e não haveria outra alternativa. A idéia aparenta o final de um debate e, ao

mesmo tempo, uma espécie de isenção de responsabilidade pelos efeitos das medidas tomadas, por mais negativas e predatórias que elas sejam.

Do seu surgimento aos nossos dias várias mudanças foram sendo operadas no sentido da disciplina. Atualmente a crise dos Estados Nacionais, gerada pelo surgimento das políticas neoliberais e pela mundialização, afetou profundamente o objetivo inicial da história. Não existe sentido em estudar a identidade nacional como um processo evolutivo e homogêneo, visto que o mundo é gerido por um capitalismo que se realiza sem levar em consideração as fronteiras nacionais.

Vivemos um momento histórico no qual o homem passou a ser um cidadão do mundo. A velocidade das informações e a eficiência do sistema produtivo fizeram com que as inovações econômicas, sociais, culturais e políticas sejam discutidas e implementadas concomitantemente em todo o planeta. Nesse contexto, as discussões que dizem respeito a uma nação estão profundamente vinculadas ao que acontece em todo o mundo. Assim a cidadania deixou de ser vinculada apenas ao nacional.

Entretanto, a mundialização ao mesmo tempo que consagra poder ao capital de atingir diferentes espaços, independentemente das fronteiras geográficas, possibilita também que cada indivíduo busque elementos que o identifique com espaços de sua vivência. Dessa forma, o local, o regional e o nacional ganham o sentido de particularidade que se diferencia e se integra ao mundial.

Diante desse quadro, o ensino de História ganha um novo sentido e passa a atuar como disciplina que possibilita ao aluno o estudo das diferentes identidades. Por intermédio da História o aluno pode compreender os seus tempos/espaços vividos e diferenciá-los de outros tempos/espaços.

Por esse raciocínio é possível dizer que a História, como disciplina, sobreviveu a transformações estruturais sofridas pela sociedade ao longo de sua existência. Entretanto, o sentido da disciplina, o seu lugar social, foi completamente alterado em razão das transformações ocorridas na sociedade.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que um dos sentidos da História na contemporaneidade é formar alunos que se reconheçam pertencentes a um tempo/espaço e sejam capazes de estabelecer relações de identidade/alteridade com outros sujeitos, tempos e espaços. Partindo dessa lógica, importa, neste trabalho, conhecermos como os professores percebem os problemas identitários da atualidade e como os relacionam com o seu ofício: o ensino de História.

O lugar de vivência

Considerando essas reflexões que ampliam o horizonte das questões identitárias, nos chamou atenção perceber como os professores têm captado as suas relações com o lugar. No conjunto de depoimentos apresentados conseguimos detectar que os professores mostram conhecimento sobre o lugar em que vivem. A partir dessa constatação foi possível perceber relações identitárias entre os docentes e suas cidades. A história, a natureza, a forma de falar e uma série de outros elementos foram sendo elencados pelos entrevistados para mostrar essa identificação professor/cidade.

Quem são os natalenses? Quem são os mossoroenses? Quem são os caicoenses? Como os professores identificam-se com o lugar onde vivem? No decorrer das entrevistas encontramos dois tipos de identidades estabelecidas com o lugar de vivência: a primeira diz respeito aos que se identificam com a cidade por terem nascido no lugar; a segunda se refere àqueles que se identificam com a cidade por nela viverem e compartilham de práticas sociais. Todavia essa caracterização generalista não abarcaria as diferentes percepções que estabelecem conexões entre o indivíduo e sua cidade.

No depoimento a seguir percebemos uma interpretação segundo a qual existe uma relação (obrigatória) de amor entre cidadão/cidade. O lugar de nascimento tem que ser amado. Vejamos o testemunho:

É como se você perguntasse se minha mãe é diferente das outras? Qual é a diferença de sua mãe para a minha mãe? É muito difícil responder, porque eu vou valorizar a minha mãe e acho que você vai valorizar a sua. Para mim a minha mãe é especial.

Então, eu uso a mesma lógica para falar sobre Mossoró. A terra que eu tenho, a terra onde eu vivo, estará sempre em primeiro lugar pra mim. Apesar de reconhecer as inúmeras dificuldades, os inúmeros problemas, a terra é sempre minha.

Se você estivesse na Alemanha ou na França e alguém lhe perguntasse: o que leva você a ser um brasileiro? O que faz com que você se sinta um brasileiro? Para você responder à questão teria que fazer um diagnóstico de como é o Brasil, iria apresentar um relato sobre o país.

Da mesma forma, para eu falar porque eu sou um mossoroense eu preciso lhe dar um relato de como é a cidade de Mossoró. De início eu já posso dizer que Mossoró é tudo para mim. (Almir, CDSL: 34)

Um outro depoimento apresenta uma segunda lógica, o lugar que precisa ser amado é o lugar de vivência.

Acho que cada um valoriza a cidade onde mora. Eu, pelo menos, tenho meus motivos para gostar de Mossoró. Vim do meu sertão de Catolé do Rocha, cheguei aqui analfabeta e terminei conseguindo me formar. Como não engrandecer uma cidade que me transformou de uma pessoa analfabeta em uma mulher com uma faculdade.

Valorizo a cidade que moro, a gente valoriza sempre a cidade que mora. Não vou dizer que gosto mais de Natal do que de Mossoró. Até gosto de Natal, mas para morar prefiro Mossoró. Isso é uma questão de opção, não tem nada de símbolo que me identifique ou deixe de identificar tanto com Natal como com Mossoró. (Delva, EMRG: 14)

No tocante à caracterização do que significa ser mossoroense, natalense ou caicoense, os entrevistados sempre buscaram lugares padronizados.

Mossoró foi apresentada como uma terra de muitas particularidades. São essas particularidades que diferenciam Mossoró de outros espaços. A seguir são apresentados depoimentos que, a nosso ver, procuram configurar as peculiaridades mossoroenses. Afinal, o que é Mossoró para os entrevistados?

*Para pensar sobre a identidade de Mossoró eu vou usar duas frases de Dix-Huit Rosado. Jamais esqueci essas frases, porque ele as transformou em slogan. Enfim, as frases/slogans eram as seguintes: "Mossoró, toda vida" e "Mossoró liberdade". Lembro que quando ele pronunciava essas frases dava ênfase imensa a Mossoró como a **terra do sal, do petróleo e da liberdade**. (Rejane, CEG: 11) (grifos nossos)*

O ufanismo com a história é ressaltado. O ser mossoroense é tão forte, mas pouco percebido por outros.

Mossoró tinha que estar na História do Rio Grande do Norte e do Brasil. Os fatos que aconteceram aqui foram muito importantes para o estado e para o Brasil. Veja nós tivemos a resistência ao cangaço, o voto feminino, a abolição da escravatura. Tudo isso são fatos importantes para o Brasil e para o RN. O problema é que os livros não nos colocam na História. Se os livros mostrassem Mossoró como um conteúdo de História do Brasil a gente poderia trabalhar com a história da cidade sem nenhum problema todas as vezes que fosse dar História do Brasil. A questão é que Mossoró é marginalizada pela História tradicional. (Celúbia, EBJB: 29)

Os professores de Caicó buscam também padrões qualificadores para o caicoense:

Caicó é uma Religião, porque as pessoas daqui amam a cidade como um ato de devoção. É uma questão de fé todos os habitantes amam Caicó independentemente de qualquer coisa. (Jailma, CEJA: 35)

É mais do que amor o sentimento do caicoense pela cidade. Como é que a gente chama aquela paixão que um povo tem pela sua cidade, que não permite ninguém dizer nada com ela? [...] É mais do que patriotismo, é bairrismo. O povo de Caicó é bairrista. Basta dizer que muita gente daqui afirma que só as coisas daqui são boas. (Fátima, CEJA: 38)

*O pessoal do Seridó, do ponto de vista físico, é um povo branco e gordo. Não sei se é a alimentação que favorece para isso, mas sei que o porte físico das pessoas daqui é muito característico. Eu não encontro outras regiões do Rio Grande do Norte onde o **povo seja alvo, corado e forte**, como o povo de Caicó. (Neuma, CEJA: 38)*

Em Natal a situação é semelhante, ou seja, os mesmos únicos também são procurados como síntese de identidades.

Os símbolos que nos identificam com Natal não são os símbolos oficiais, mas sim são símbolos naturais. A natureza é o símbolo mais forte de Natal e do Rio Grande do Norte. O Brasil tem símbolos oficiais que foram criados pelos homens e consagram-se no seio da população, como é o caso do hino e da bandeira nacional. Agora no Rio Grande Norte o símbolo mais forte é a natureza mesmo: as praias, as dunas, as ladeiras. Eu acho muito bonito subir as ladeiras de Natal, na Ribeira tem umas ladeiras bonitas. Uma outra coisa que caracteriza Natal são as árvores. Acho que deve ser bom para quem mora ali no Tirol ter perto aquelas árvores tão bonitas. Eu acho aquelas ruas a coisa mais linda. (Rosa, EMCP: 9-10)

Um professor diagnosticou que os seus alunos não estudam a história do lugar. Isso pode significar que os o docente percebe claramente a necessidade de estudos específicos sobre o tema.

Então, o garoto hoje não tem a menor noção do que significa morar em Natal, morar no Nordeste. Essa noção de região foi completamente perdida, isso não existe mais. Na verdade, eu repito, o garoto não mora em Natal, mora no condomínio, que fica em Candelária ou em Ponta Negra e zomba com quem mora nas Quintas, nos Guarapes, na Cidade Nova. Em suma, esses garotos não moram numa cidade, em primeiro lugar, porque não circulam na cidade. Eles não têm a noção de que essa cidade poderia ter uma identidade. (Iris, IMA: 31).

Apesar de apresentar esse diagnóstico, o raciocínio do docente não difere dos demais depoimentos. A proposta dele é que sejam estudados os “verdadeiros” símbolos do lugar.

Esses depoimentos expressam que a idéia de convivências com identidades contraditórias, em constante deslocamento, em um mesmo espaço e tempo ainda não foi devidamente incorporada. Ainda procuramos identidades que unifiquem o nosso espaço de vivência. Os caminhos presentes na produção historiográfica e na historiografia didática Ainda estamos trilhando o caminho para percebermos que as identidades estão na sociedade e na cabeça de cada um; que nenhuma identidade por mais singular que seja – por exemplo a de classe – pode alinhar todas as diferentes identidades como uma identidade mestra, única abrangente. Vivemos um tempo em que as identidades unas são substituídas por novas identidades: feminismo, negros, libertação nacional, movimentos anti-nucleares, ecológicos... Cada um a seu modo e interesse vai construindo identidades múltiplas com os seus lugares.

As propostas curriculares

Inserido nas discussões contemporâneas, os PCN para o ensino de História discutem o sentido atualmente atribuído à noção de identidade. Para fazer essa discussão o documento, inicialmente, nos remete a perceber a ampliação das diversidades identitárias na sociedade brasileira..

Nesse sentido, o documento indica a necessidade da escola trabalhar com diferentes noções identitárias. Cabe – segundo os PCN – ao ensino de história cumprir o importante papel de realizar escolhas pedagógicas capazes de possibilitar ao aluno refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-las com problemáticas históricas inerentes ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial (cf. Brasil, 1998a: 20).

Uma das escolhas pedagógicas possíveis é a realização de um trabalho que favoreça a construção, pelo aluno, de algumas noções fundamentais para a compreensão das diversidades identitárias. Entre essas noções destacam-se: diferenças, semelhanças, transformações e permanências. A partir da compreensão desses conceitos o aluno poderá identificar e distinguir: o “eu”, do “outro” e do “nós” no tempo; práticas distintas e as relações sociais em um mesmo espaço ou em espaços distintos (cf. Brasil, 1998a: 20-1). Pode-se afirmar que o domínio das noções de diferença, semelhança, transformação e permanência irá possibilitar ao aluno estabelecer relações e análises, de forma que novos domínios cognitivos sejam adquiridos, aumentando o seu conhecimento sobre si mesmo, e sobre os outros espaços que lhe cercam: o grupo de vivência, a região, o país e o mundo. (BRASIL, 1998a: 22)

Pelo exposto vimos que os PCN nos conduzem a considerar a relação existente entre o ensino de História e a formação de identidades, mas ao mesmo tempo nos fazem perceber que é necessário discutir o que esse conceito representa em diferentes momentos históricos. Pode-se afirmar que essa preocupação com a formação de um aluno capaz de situar-se no seu espaço/tempo e diferenciar-se de outros tempos e espaços é uma característica inovadora presente nesse documento curricular.

A introdução de uma concepção inovadora de identidade, apresentada pelos PCN, liga-se fortemente a uma nova concepção de cidadania. Nesse sentido, o conceito de cidadania presente no documento tem uma conotação ampliada, ou seja, a cidadania não é identificação do indivíduo com uma pátria homogênea. Ser cidadão é ser capaz de identificar-se e diferenciar-se de grupos distintos. A cidadania nos PCN não é compreendida como um padrão a ser exercido por todos.

Dessa forma, um dos objetivos do ensino de História, na visão dos PCN, é a formação do cidadão. Buscando atingir esse objetivo o documento indica como um cidadão pode ser formado.

Para se formar cidadãos conscientes e críticos da realidade em que estão inseridos, é necessário fazer escolhas pedagógicas pelas quais o estudante possa conhecer as problemáticas e os anseios individuais de classe de grupos – local, regional, nacional e internacional – que projetam a cidadania como prática e ideal; distinguir as diferenças do significado da cidadania para vários povos; e conhecer

conceituações históricas delineadas por estudiosos do tema em diferentes épocas.
(Brasil, 1998a: 23)

Assim, a possibilidade de enxergar a história local sob uma nova perspectiva possibilita ao aluno a compreensão do seu entorno; a identificação do passado em vários espaços de convivência (escola, bairro, trabalho, lazer); a compreensão dos problemas significativos da história do presente. Todavia, para construirmos essa História, precisamos primeiro trabalhar, com os nossos professores, alternativas viáveis de trabalhos.

BIBLIOGRAFIA:

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

ANDERSON, Perry. **Zona de compromisso**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1996.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. As "tradições nacionais" e o ritual das festas cívicas. In: PINSKY, Jaime. (Org.). **O ensino de história e a criação do fato**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1994. p. 43-72.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.

OLIVEIRA, Marco. **O negro no ensino de história: temas e representações 1978-1998**. 2000. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.